

LLEWELLYN H. ROCKWELL, JR.

CONTRA A ESQUERDA

Um libertarianismo rothbardiano



INTRODUÇÃO DE HANS-HERMANN HOPPE

Contra a Esquerda

Llewellyn H. Rockwell, Jr.

Fundador do Instituto Ludwig von Mises

Contra a Esquerda

Um libertarianismo rothbardiano

1ª edição



Instituto Rothbard

Título original

Against the Left: A Rothbardian Libertarianism

Autor

Llewellyn H. Rockwell, Jr.

Ano de publicação

2019

Tradução

Fernando Fiori Chiocca

Rick Theu

VAP

Revisão

Fernando Fiori Chiocca

Rick Theu

VAP

Capa

VAP

Diagramação

Rick Theu

Rockwell Jr., Llewellyn H.

Contra a Esquerda: Um Libertarianismo Rothbardiano / Llewellyn H.

Rockwell, Jr. — São Paulo: Instituto Hoppe, 2021.

1. Economia 2. Paleolibertarianismo 3. Cultura 4. Liberdade
5. Anticoletivismo I. Título.

Contra a Esquerda

Contra a Esquerda explora algo básico para o libertarianismo que muitas pessoas hoje esqueceram. Como todos sabem, os libertários enxergam o Estado e o indivíduo como fundamentalmente opostos. Pessoas que interagem livremente no mercado criam por si mesmas uma sociedade maravilhosa que promove o progresso.

Em *Contra a Esquerda*, examinamos alguns campos de batalha importantes na luta para preservar e promover o libertarianismo real contra seus inimigos. Isso inclui o ataque à família, “direitos civis” e deficiências, imigração, ambientalismo, igualitarismo econômico e os impostores libertários de esquerda que querem tirar o libertarianismo de nós.

O maior obstáculo à difusão da filosofia da liberdade descrita em *Contra a Esquerda* é a ideologia de esquerda. A esquerda quer destruir as instituições tradicionais da sociedade civil, especialmente a família. Quer eliminar todas as diferenças entre as pessoas e nos tornar escravos “iguais” do Estado todopoderoso.

Sumário

<i>Prefácio de Hans-Hermann Hoppe</i>	7
<i>Introdução</i>	18
<i>O ataque à família</i>	19
<i>"Direitos Civis" e Deficiências</i>	53
<i>Imigração</i>	84
<i>Ambientalismo</i>	93
<i>Igualitarismo econômico: Ninguém merece ser melhor do que ninguém</i>	105
<i>Libertarianismo de Esquerda</i>	118
<i>Conclusão</i>	123
<i>Sobre o autor</i>	124

Prefácio de Hans-Hermann Hoppe

Todas as pessoas, incluindo gêmeos idênticos, são *únicas*; desiguais e diferentes de todas as outras pessoas. Todo mundo nasce em uma hora e/ou lugar diferente. Todo mundo possui dois pais biológicos diferentes, mais velhos e desiguais, um pai masculino e uma mãe feminina. Cada pessoa, no decorrer de sua vida, enfrenta e precisa agir em um ambiente diferente e desigual, com oportunidades e desafios diferentes e desiguais, e a vida de cada pessoa, com suas realizações e seus fracassos, suas alegrias e satisfações, bem como suas decepções, desgostos e sofrimentos, então, é diferente e desigual da vida de todas as outras pessoas. Além disso, esta desigualdade natural de todo e qualquer ser humano ainda é amplificada pelo estabelecimento de toda e qualquer sociedade baseada na divisão do trabalho.

A Esquerda e o socialismo em geral sempre se sentiram ofendidos, irritados e escandalizados por esta desigualdade natural do homem e em seu lugar propagandearam e promoveram um programa de “equalização” ou “igualitarismo”, i.e., de “corretivamente” reduzir, minimizar e finalmente eliminar todas as diferenças e desigualdades humanas. Primorosamente, Murray Rothbard identificou este programa como “uma revolta contra a natureza”. No entanto, apesar deste veredito, nunca faltou apoio as ideias igualitárias e seus promotores, na medida que existe e sempre vai existir em toda parte um monte de pessoas vociferando que tiveram poucas chances na vida quando comparadas as outras pessoas.

Portanto, para favorecer sua utopia (ou melhor, distopia) igualitária, toda característica, condição e instituição humanas repletas de diferenças e desigualdades, então, foram colocadas sob ataque pela Esquerda no devido tempo. Abaixo toda excelência humana e todos os graus de realizações humanas, porque nenhuma pessoa deve ser melhor do que qualquer outra. Abaixo a propriedade privada pois ela implica em uma distinção entre meu e teu e, portanto, torna todos desiguais. Abaixo

todas as diferenças de renda. Abaixo a família como fortaleza da desigualdade, com um pai masculino e uma mãe feminina e seu novo filho dependente em comum. Abaixo em particular os homens, e especialmente homens brancos, a pessoa mais desigual de todas. Abaixo o casamento, por causa de sua exclusividade, e abaixo a heterossexualidade. Abaixo a discriminação às preferências individuais. Abaixo a livre associação e dissociação. Abaixo todas as convenções, e abaixo toda e qualquer fronteira, fortificação e muro separando uma pessoa de outra. Abaixo os contratos privados exclusivos, bi ou multilaterais. Abaixo os empregadores e proprietários de imóveis pois são desiguais e diferentes dos empregados e inquilinos, e abaixo a divisão do trabalho em geral. Abaixo a noção bíblica de que o homem deve dominar e ser o senhor da natureza e estar acima de animais e plantas – e sempre abaixo todos que discordarem do credo igualitário esquerdista.

Em *Contra a Esquerda*, Lew Rockwell, formidável estudante dos filósofos economistas Ludwig von Mises e Murray Rothbard, autor prolífico e, com a fundação do Ludwig von Mises Institute, em Auburn, Alabama, o principal promotor e empreendedor intelectual do mundo contemporâneo de todas as ideias e temas “libertários”, i.e., de direitos de propriedade privada e liberdade humana, apresenta um relato detalhado e vívido da revolta esquerdista contra a natureza. Ele descreve e analisa os sucessivos avanços e crescente influência das ideias esquerdistas, em particular nos EUA, mas de forma mais geral também em todo o chamado mundo ocidental, e ele explica e expõe os efeitos desastrosos e até assustadores, tanto moralmente como economicamente, que o contínuo “progresso” esquerdista tem causado no tecido social. Mais do que qualquer outra coisa, como explica Rockwell, o preço a ser pago pela implacável revolta contra a natureza humana, pela busca teimosa de um objetivo que claramente *não pode* ser alcançado, é o surgimento e crescimento de um estado cada vez mais totalitário, controlado e dirigido de forma permanente por algumas pequenas e exclusivas elites de “equalizadores” dominantes que

permanecem acima, separados e desiguais de todo o resto das pessoas, que são seus súditos e o “material” humano a ser equalizado.

Ao invés de repetir o que é dito e explicado com o máximo de clareza por Rockwell nas páginas deste livro, deverei acrescentar apenas algumas observações históricas que podem ser úteis para o leitor obter um melhor entendimento do contexto da era atual, brilhantemente descrita por Rockwell. Elas são observações de uma perspectiva europeia e mais especificamente alemã, a própria nação onde o socialismo surgiu no decorrer do século XIX e que desde então teve a mais longa experiência com ele, e elas dizem respeito as diferentes estratégias e mudanças estratégicas que a Esquerda adotou para alcançar seu atual estágio “elevado”.

A estratégia “ortodoxa” para a transformação socialista, defendida por Marx e os adeptos do chamado socialismo “científico”, era uma revolucionária. A Revolução Industrial na Inglaterra e na Europa Ocidental ocasionou um crescimento constante na quantidade de operários industriais, i.e., de “proletários”, e esta massa crescente de proletários, então, unidos por uma consciência de classe comum, deveria expropriar todos os proprietários privados dos meios de produção, i.e., os capitalistas, de uma vez só, de modo a supostamente tornar todos igualmente coproprietários de tudo. Isto iria requerer uma “ditadura do proletariado” como uma medida temporária, mas esta fase transitória iria logo dar lugar a uma sociedade sem classes e uma vida de igualdade pena e felicidade.

A estratégia ortodoxa de transformação socialista se mostrou um completo fracasso. Nos países industrializados ou em fase de industrialização da Europa Ocidental, as crescentes massas proletárias mostraram pouco ou nenhum fervor revolucionário. Eles aparentemente sentiram que tinham mais a perder com a derrubada violenta do *ancien régime* e suas antigas elites do que apenas suas correntes. Ao invés disso, contra Marx, o método revolucionário foi bem sucedido somente

na Rússia, predominante rural e agrícola, com muitos camponeses e praticamente nenhum proletariado industrial. Lá, após a derrota na guerra, com a ajuda de uma mentira estratégica, i.e., a promessa socialista rapidamente quebrada de liberalização dos camponeses russos dos laços feudais e distribuição de todo latifúndio feudal como propriedade privada entre o campesinato, e por meio de violência massiva e impiedosa, de morte e brutalidade, o Czar e as antigas elites dominantes foram depostos e uma ditadura do proletariado foi estabelecida. Mas esta ditadura não deu lugar a uma sociedade sem classes de igualdade plena. Ao contrário, como Mises houvera previsto desde o princípio, ela resultou na perda de toda liberdade humana e em desastre econômico. Sem propriedade privada sobre a terra e outros fatores de produção, todos se tornaram diretamente e imediatamente sujeitos aos comandos dos ditadores proletariados; e então estes ditadores, sem a propriedade privada dos bens de capital e, portanto, sem preços de bens de capital, se tornaram incapazes de realizar o cálculo econômico, com o resultado inescapável da permanente má alocação de recursos, desperdício econômico e consumo de capital. Após uns 70 anos, o “experimento” socialista na Rússia Soviética ruiu da forma mais espetacular sob seu próprio peso, deixando para trás uma terra devastada economicamente e uma população desmoralizada, desarraigada e empobrecida.

A estratégia alternativa “revisionista” de transformação socialista, amplamente adotada nos países da Europa Ocidental, era uma reformista e gradualista. Com o constante crescimento do número de proletários, dadas as circunstâncias, apenas foi necessário promover a já popular ideia igualitária da democracia e agitar em prol da expansão sistemática da franquia. Então, com a difusão da democracia, uma tomada socialista “pacífica” seria apenas questão de tempo. E, de fato, com o “direito de voto” cada vez mais distribuído “igualmente”, até finalmente chegar à todos, em toda parte ambições e motivações igualitárias eram sistematicamente encorajadas e fortalecidas. A popularidade dos partidos explicitamente socialistas aumentou

constantemente e outros partidos rivais ou movimentos ideológicos, incluindo também os liberais clássicos, se desviaram cada vez mais à esquerda. Então, ao final da Segunda Guerra Mundial, com a legitimidade do antigo regime e suas elites dominantes severamente abalada pela devastação causada pela guerra, os socialistas surgiram prestes a vencer. No entanto, eles fracassaram, por causa de um equívoco fundamental que já havia se tornado evidente com o início da Grande Guerra.

Os socialistas revisionistas, neste ponto não diferentes de seus camaradas ortodoxos, eram “internacionalistas”. O slogan deles era “proletários de todo mundo, uni-vos”. Eles acreditavam na solidariedade de todos os trabalhadores, de toda parte, contra seu inimigo capitalista comum. A guerra provou que esta solidariedade trabalhista internacional não existia. Trabalhadores alemães voluntariamente lutaram contra trabalhadores franceses, ingleses, russos, etc., e vice-versa. Ou seja, vínculos nacionais e solidariedade nacional se provaram muito mais fortes do que qualquer vínculos de classe.

Por esta mesma razão também, e contra a geralmente violenta resistência dos socialistas (internacionalistas), não seria eles então que chegariam ao poder, mas partidos socialistas explicitamente nacionalistas. Por toda a Europa Ocidental os sentimentos igualitaristas eram avassaladores. Porém o igualitarismo geralmente ia apenas até a página dois. Ele parava quando chegava nos estrangeiros, nos povos de outras nações, especialmente quando eles eram considerados menos ricos. Além disso, o triunfo do socialismo nacional sobre o socialismo internacional na maior parte da Europa Ocidental e por todo o período entre guerras, ganhou uma força extra com as notícias cada vez mais divulgadas sobre a Rússia Soviética. Os socialistas no ocidente geralmente viam com grande simpatia o “grande experimento” conduzido pelos seus camaradas no leste, e sendo simpatizantes dos soviéticos, suas popularidades então foram profundamente prejudicadas quanto mais informações se espalhavam pelo ocidente sobre a crueldade

impiedosa dos ditadores soviéticos e das condições econômicas desesperadoras da Rússia socialista, com fome e inanição generalizadas. Ademais, e significativo à luz da experiência soviética, os socialistas nacionalistas não visaram expropriar todos os capitalistas e nacionalizar todos os fatores de produção. Ao invés, mais “moderadamente”, eles deixariam toda propriedade privada nominalmente intacta e garantiriam “apenas” que elas seriam empregadas da maneira que os ditadores socialistas nacionalistas achassem apropriada, de acordo com o lema deles de que o “bem comum” sempre está acima de qualquer “bem privado”.

Com o desfecho da Segunda Guerra Mundial, o mundo mudou drasticamente e os socialistas de todas as estirpes se depararam com desafios novos e radicalmente diferentes. Os EUA emergiram da guerra como o superpoder dominante do mundo e a Europa Ocidental essencialmente foi transformada em uma região de estados vassalos. Mais importante, a Alemanha (Ocidental), como principal país inimigo europeu, foi colocada sob o controle direto dos EUA.

Os sentimentos socialistas nacionalistas na Europa Ocidental não desapareceram em razão deste desenvolvimento – e eles permanecem populares até hoje. Na verdade, tendências socialistas nacionalistas neste período também tomaram os EUA. A agenda econômica e as chamadas políticas sociais implementadas por Roosevelt com o New Deal foram essencialmente as mesmas que as avançadas por Mussolini e Hitler. Mas o rótulo de socialista nacionalista tinha que ser demonizado e varrido. De forma alguma todos os partidos ou movimentos socialistas nacionalistas durante o período entre guerras na Europa Ocidental foram taxados de racistas ou imperialistas. Mas o exemplo mais odioso do socialismo nacionalista alemão derrotado foi para sempre associado ao nome, e todos os movimentos socialistas nacionalistas ou fascistas doravante teriam que prosseguir sob rótulos diferentes. Quaisquer que fossem seus nomes, porém, seus programas

agora iriam tipicamente incluir também uma boa dose de antiamericanismo.

Outros desafios surgiram para os socialistas internacionalistas ou “de esquerda”. Com o desencadeamento da Guerra Fria entre os EUA e seu antigo aliado soviético, que havia expandido seu controle sobre a maior parte da Europa Central como um resultado da guerra, a Esquerda da Europa Ocidental dominada pelos EUA foi cada vez mais pressionada a se distanciar de seus camaradas do leste. Também, consequências econômicas desastrosas nos países dominados pelos soviéticos na Europa Central, similares as experimentadas na Rússia antes, forçaram os socialistas esquerdistas a abandonarem sucessivamente seu objetivo original de socialização dos meios de produção. Assim como seus arqui-inimigos socialistas nacionalistas antes, eles não iriam eliminar a propriedade privada e a propriedade de bens de capital. Ao invés disso, eles permitiriam “tanta propriedade privada e mercado quanto fosse possível”, mas iriam se assegurar ao mesmo tempo “tanto estado quanto fosse necessário”, com a decisão de o que era “possível” e que era “necessário” tomada pela liderança dos partidos socialistas (assim como a decisão sobre quanto de “bens privados” e quanto de “bem comum” se ter foi tomada anteriormente pela liderança socialista nacionalista). Como representantes da classe trabalhadora industrial, os socialistas iriam usar então seu poder de tomada de decisão para equalizar primeiro os “rendimentos” e depois as “oportunidades” através dos impostos e da legislação. E eles iriam determinar quanto de impostos e legislação eram necessários para alcançarem ou se aproximarem de seu objetivo.

Com este programa a Esquerda iria chegar ao poder em muitos países da Europa Ocidental. No entanto, para alcançar este sucesso e em particular para mantê-lo, outra virada estratégia era necessária. No decorrer do desenvolvimento econômico europeu, o número de trabalhadores industriais, i.e., a tradicional classe trabalhadora operária, que formou a grande massa de eleitores socialistas,

gradualmente mas constantemente declinou. A fim de estabilizar e expandir sua base eleitoral, os socialistas teriam que mudar sua imagem pública de “partido dos proletários” e apelar também para as continuamente crescentes classes de trabalhadores de “colarinho branco” e de empregados da indústria de serviços. Com o poder de taxar e redistribuir propriedade privada e renda, eles teriam que sistematicamente aumentar o número de trabalhadores do “setor público” financiados através dos impostos, i.e., de dependentes do estado e, em particular, de trabalhadores da chamada indústria de “serviços sociais”. Sobretudo, a fim de adquirirem uma aura de autoridade e respeitabilidade intelectual, os socialistas teriam que expandir, infiltrar e finalmente tomar todo o sistema de “educação pública”, das universidades, aos colégios até os jardins de infância. A estratégia deu certo. Em particular, todas as universidades e escolas da Europa Ocidental ficaram sob controle da Esquerda igualitária, e sua crescente dominância de todo o debate público, então, provocou um deslocamento sistemático para a esquerda de todo o espectro dos movimentos e partidos políticos.

E por fim, mas não menos importante, surgiram desafios novos e diferentes para os socialistas na área de política externa. Sendo um movimento internacionalista, a Esquerda visava estabelecer o socialismo em toda parte, em última instância no mundo inteiro, e eles davam suporte as tentativas de centralização política como um meio para o objetivo de equalização supranacional. Mas eles eram também anticolonialistas, anti-imperialistas e antimilitaristas. Cada país deveria supostamente libertar a si mesmo de seus opressores estrangeiros e domésticos para então se juntarem a irmandade internacional da humanidade por sua própria conta.

Quando, já logo após a guerra, o processo de “Integração Europeia” foi lançado, que eventualmente levaria a “União Europeia” (na verdade, um cartel de associação de governos de estados nação, com a Alemanha sendo o membro mais forte economicamente, porém o mais

fraco politicamente), a Esquerda se mostrou esmagadoramente solidária. O processo era falho pois começou e procedeu sob a tutela dos EUA, mas também deu a oportunidade de expandir o poder socialista igualitário em última instância por toda a Europa. Menos entusiasmo e, de fato, uma considerável oposição da Esquerda encontrou outro projeto dos EUA: o estabelecimento da OTAN. Sendo uma aliança militar internacional sob o comando supremo dos EUA, muitos consideraram ser uma iniciativa militarista e se opuseram a OTAN. Mas devido à “Ameaça Soviética”, i.e., o perigo supervalorizado e sistematicamente popularizado de tomada militar da Europa Ocidental pela União Soviética, qualquer oposição séria seria rapidamente silenciada e a associação na OTAN também foi abraçada pela Esquerda Europeia Ocidental.

Com o colapso da União Soviética e seu império no começo dos anos 1990s, um desafio similar surgiu novamente para os socialistas. Com o desaparecimento da ameaça soviética e o fim da Guerra Fria, a OTAN cumpriu seu objetivo e aparentemente não tinha mais um propósito. Porém a OTAN não foi extinta como a maior parte (mais não toda) da Esquerda gostaria. Ao contrário.

Após algumas vitórias cruciais da Esquerda igualitária nos EUA desde os anos 1960s, com legislações do chamado movimento dos Direitos Civis, seu poder foi ofuscado neste meio tempo pelos “neoconservadores”, um movimento inspirado e liderado por um grupo de intelectuais ex-trotskistas, que propuseram combinar um Estado de Bem-estar Social em casa, também chamado de “capitalismo democrático”, com um imperialismo americano no exterior e a motivação pela dominação mundial. Sob a influência dos “neocons”, então, a OTAN não apenas deixou de ser abolida como foi aperfeiçoada e expandida. A Rússia pós soviética foi sendo cercada cada vez mais pelas tropas da OTAN, e os EUA atacaram e travaram guerras contra um país atrás do outro – Afeganistão, Iraque, Líbia, Sérvia, Somália, Sudão, Síria – orquestrou golpes (Ucrânia, Egito), ou impôs sanções econômicas e bloqueios contra

outros países (Irã), pelo mero motivo de eles não estarem dispostos a aceitar ordens dos neocons encarregados da política externa americana. A Esquerda Europeia, com sua orientação tradicional anti-imperialista, deveria ter se estarrecido e resistido vigorosamente a essas políticas. Mas ao invés disso, através de pressões econômicas, ameaças e subornos dos EUA, a maior parte (embora não todos) dos partidos europeus de esquerda rapidamente cederam e se tornaram comparsas voluntários destas empreitadas imperialistas. E isto – baseando-se em seus próprios padrões, uma mudança traiçoeira na política da Esquerda Europeia – ao contrário levaria então à outra reviravolta estratégica crucial em sua agenda.

Proposital ou não, o resultado do imperialismo americano, o derramamento de sangue, instabilidade social e devastação econômica que causou, gerou um aumento contínuo do afluxo de pessoas dos Balcãs, do Oriente Médio próximo e do norte da África tentando chegar aos países socialistas democráticos da Europa Ocidental. Os socialistas nacionalistas ou “de direita”, em concordância com o sentimento geral do povo, se opôs e tentou resistir a esta ameaça de uma invasão de milhões e milhões de “imigrantes” estrangeiros. Por sua vez, a Esquerda socialista, seguindo o exemplo dos EUA neste ponto, percebeu e apresentou a imigração em massa como uma oportunidade para outro grande avanço em sua agenda igualitária e convenientemente não fez quase nada para prevenir isto ou até promoveu. Lamentavelmente, isto pressionaria para baixo os salários domésticos, ameaçando assim o apoio de sua própria base eleitoral da classe trabalhadora tradicional. Mais importante, no entanto, isto seria instrumental na ruptura de toda e qualquer resistência contra avanços adicionais na centralização e concentração de poderes socialistas no quartel general americano de Bruxelas, fosse das forças socialistas nacionalistas ou mais radicalmente e fundamentalmente do lado dos libertários de direita. Através de uma política de “livre imigração”, ao misturar, no mesmo território, em proximidade imediata, pessoas de diferentes nacionalidades, etnias, idiomas, culturas, costumes, tradições e religiões, de diferentes

histórias, educações, sistemas de valores e formações psicológicas, resultaria em crescente fragmentação social. Todos os vínculos pessoais ainda existentes além – ou até acima – daqueles do estado central e, portanto, sendo obstáculos para expansões adicionais do poder do estado, i.e., vínculos com a própria nação, etnia, religião, região, cidade, comunidade ou família, seriam sistematicamente enfraquecidos. Todo mundo seria cada vez mais “equalizado” em desunião ubíqua e universal, desentendimento e conflito social, e igualmente deixado unicamente à mercê do todo poderoso estado e seus governantes socialistas. E, então, para este fim, todo dissidente teria que ser sistematicamente denunciado pela classe dominante de intelectuais esquerdistas nos termos mais fortes possíveis, como um pária tão desprezível e abominável que seria melhor que fosse silenciado para sempre.

Nesta obra, Lew Rockwell expõe o progresso aterrorizante que os socialistas de todas as estirpes, sejam do tipo “direitista” ou “esquerdista”, já obtiveram na busca de sua agenda igualitária, e ele extrai as lições a serem aprendidas disto pelos libertários.

Contra a Esquerda explora algo básico para o libertarianismo que muitas pessoas hoje esqueceram. Como todos sabem, os libertários veem o Estado e o indivíduo como fundamentalmente opostos. Pessoas que interagem livremente no mercado criam por si mesmas uma sociedade maravilhosa que promove o progresso. O Estado, como explicou Murray Rothbard, é uma gangue criminosa de predadores. Ele tira o que as pessoas produzem, confiscando a riqueza para seus próprios fins nefastos.

Isso tudo é de conhecimento comum, e em *Contra a Esquerda*, mostro em detalhes como o Estado faz isso. O que costuma ser esquecido, porém, é que o libertarianismo aceita as pessoas como elas são. Se nos livrarmos do Estado — e esse é um grande *se* — teremos alcançado nosso objetivo como libertários. O libertarianismo não tenta remodelar as pessoas para fazê-las conformar-se a alguma ideologia supostamente desejável. Não embarca na busca inútil de tornar todos iguais. Não favorece tentar acabar com a “discriminação”. Não vê a família tradicional como inimiga. Ao contrário, vê a família tradicional como base para uma sociedade decente.

Dois grandes pensadores nos ensinaram essas verdades melhor do que qualquer outra pessoa: Ludwig von Mises e seu principal aluno, Murray N. Rothbard. Seus insights são básicos para este livro.

Infelizmente, vários dos chamados libertários ignoram esses pontos essenciais. Esses libertários de esquerda tentam o impossível. Eles querem combinar o libertarianismo, com seu polo oposto, o igualitarismo. Não é suficiente que as pessoas sejam libertárias. Elas também devem ser “legais”, o que significa se render às últimas palhaçadas esquerdistas.

Em *Contra a Esquerda*, examinamos alguns campos de batalha importantes na luta para preservar e promover o libertarianismo real contra seus inimigos. Isso inclui agressão à família, direitos civis e “deficiências”, imigração, ambientalismo e igualitarismo econômico. No último capítulo, confrontamos diretamente os impostores libertários de esquerda que querem tirar o libertarianismo de nós.

Hoje, a ameaça fundamental à liberdade vem dos programas esquerdistas para promover a igualdade absoluta. Neste capítulo, primeiro descreveremos o igualitarismo em termos gerais e, em seguida, discutiremos uma de suas principais e mais perigosas manifestações. Esta é a tentativa de destruir a família tradicional, a marca registrada da civilização. A agenda homossexual exigindo casamento entre pessoas do mesmo sexo, entre muitas outras medidas revolucionárias, e o movimento feminista desempenham um papel de destaque nesta conspiração contra a família.

Para a manutenção de uma sociedade livre, é fundamental que seja preservada a família tradicional, ou seja, a união de um homem e uma mulher no casamento, na maioria das vezes para constituir família. Ludwig von Mises oferece alguns insights profundos sobre esse assunto.

No Capítulo IV da Parte I do *Socialismo*, Mises aponta algo que os oponentes libertários de esquerda da família tradicional fariam bem em ter em mente. (Mas é claro que não vão.) O ataque moderno à família origina-se do socialismo:

As propostas de transformação das relações entre os sexos há muito andam de mãos dadas com os planos de socialização dos meios de produção. O casamento deve desaparecer junto com a propriedade privada, dando lugar a um arranjo mais em harmonia com os fatos fundamentais do sexo. Quando o homem é libertado do jugo do trabalho econômico, o amor deve ser libertado de todos os entraves econômicos que o profanaram. O socialismo promete não apenas bem-estar — riqueza para todos — mas também felicidade universal no amor.

Feministas e libertários de esquerda afirmam que a família é opressora, mas na verdade a família burguesa salvou as mulheres da opressão.

À medida que a ideia de contrato entra na Lei do Casamento, ela quebra o domínio do homem e faz da esposa uma parceira com direitos iguais. De um relacionamento unilateral baseado na força, o casamento torna-se um acordo mútuo; a serva torna-se a esposa casada com o direito de exigir do homem tudo o que ele tem o direito de pedir dela. Passo-a-passo, ela conquista o cargo que ocupa hoje em casa. Hoje em dia, a posição da mulher difere da posição do homem apenas na medida em que diferem seus modos peculiares de ganhar a vida. Os remanescentes dos privilégios do homem têm pouca importância. Eles são privilégios de honra. A esposa, por exemplo, ainda leva o nome do marido.

Como Mises aponta, a posição das mulheres melhorou por causa das relações de propriedade capitalistas. Longe de serem opressores, como afirmam os marxistas e outros esquerdistas, elas libertaram as mulheres:

Esta evolução do casamento ocorreu por meio da lei relativa aos bens dos casados. A posição da mulher no casamento foi melhorada à medida que o princípio da violência foi retrocedido e à medida que a ideia do contrato avançou em outros campos da Lei de Propriedade ela transformou necessariamente as relações de propriedade entre o casal. A esposa foi libertada do poder de seu marido pela primeira vez quando ela ganhou direitos legais sobre a riqueza que ela trouxe para o casamento e que adquiriu durante o casamento, e quando o que seu marido costumava lhe dar foi transformado em subsídios exigíveis por lei.

Para Mises, a lei de propriedade sob o capitalismo era abrangente em seus efeitos:

Assim, o casamento, como o conhecemos, passou a existir inteiramente como resultado da

penetração da ideia contratual nesta esfera da vida. Todos os nossos estimados ideais de casamento nasceram dessa ideia. Esse casamento une um homem e uma mulher, que só pode ser celebrado com o livre arbítrio de ambas as partes, que impõe um dever de fidelidade mútua, que as violações dos votos matrimoniais de um homem não devem ser julgadas de maneira diferente das de uma mulher, que os direitos do marido e da esposa são essencialmente os mesmos — esses princípios se desenvolvem a partir da atitude contratual para o problema da vida conjugal. Ninguém pode se orgulhar de que seus ancestrais pensavam no casamento como pensamos hoje. A ciência não pode julgar se a moral já foi mais severa do que agora. Podemos estabelecer apenas que nossos pontos de vista sobre o que o casamento deve ser são diferentes dos pontos de vista das gerações anteriores e que seu ideal de casamento parece imoral aos nossos olhos.

Mises, é claro, não gostava do feminismo. Sua visão da importância de ter filhos para as mulheres seria um anátema para as feministas de hoje.

A ala radical do feminismo, que se apega firmemente a este ponto de vista, ignora o fato de que a expansão dos poderes e habilidades da mulher é inibida não pelo casamento, não por estar ligada ao homem, filhos e família, mas pela forma mais fascinante em que a função sexual afeta o corpo feminino. A gravidez e a amamentação de crianças reivindicam os melhores anos da vida de uma mulher, os anos em que o homem pode gastar suas energias em grandes realizações. Pode-se acreditar que a distribuição desigual do ônus da reprodução é uma injustiça da natureza, ou que é indigno da mulher ser mãe e ama de leite, mas acreditar nisso não altera o fato. Pode ser que a mulher seja capaz de escolher entre renunciar à alegria

feminina mais profunda, a alegria da maternidade, ou ao desenvolvimento mais masculino de sua personalidade em ação e empenho. Pode ser que ela não tenha essa escolha. Pode ser que, ao suprimir seu desejo de maternidade, ela cause a si mesma um dano que reage por meio de todas as outras funções de seu ser. Mas seja qual for a verdade sobre isso, o fato é que quando ela se torna mãe, com ou sem casamento, ela é impedida de levar sua vida tão livre e independente quanto o homem. Mulheres extraordinariamente talentosas podem conseguir coisas excelentes, apesar da maternidade; mas porque as funções do sexo têm prioridade sobre a mulher, o gênio e as maiores realizações foram negados a ela.

Mises não se opôs a todos os aspectos do feminismo. Enquanto se limitasse a favorecer direitos iguais, como entendido pelo liberalismo clássico, estava tudo bem:

Na medida em que o Feminismo procura ajustar a posição jurídica da mulher à do homem, na medida em que procura oferecer a ela liberdade jurídica e econômica para se desenvolver e agir de acordo com suas inclinações, desejos e circunstâncias econômicas — até aí não é nada mais do que um ramo do grande movimento liberal, que defende a evolução pacífica e livre. Quando, para além disso, ataca as instituições da vida social com a impressão de que assim poderá remover as barreiras naturais, ele é filho espiritual do Socialismo. Pois é uma característica do Socialismo descobrir nas instituições sociais a origem dos fatos inalteráveis da natureza, e se esforçar, reformando essas instituições, para reformar a natureza.

Para Mises, o impulso feminista de abolir a família repousava em uma concepção totalmente errônea do lugar da mulher na sociedade:

A concepção errônea a que o princípio da igualdade perante a lei é exposto no campo das relações sociais gerais encontra-se no campo especial das relações entre esses sexos. Assim como o movimento pseudo-democrático tenta por decretos apagar as desigualdades naturais e socialmente condicionadas, da mesma forma que quer igualar os fortes aos fracos, os talentosos aos sem talento e os saudáveis aos enfermos, também a ala radical do movimento de mulheres busca tornar as mulheres iguais aos homens. Embora não possam ir tão longe a ponto de transferir metade do fardo da maternidade para os homens, ainda assim gostariam de abolir o casamento e a vida familiar para que as mulheres possam ter pelo menos toda aquela liberdade que parece compatível com a procriação. Livre do marido e dos filhos, a mulher deve mover-se livremente, agir livremente e viver para si mesma e para o desenvolvimento de sua personalidade.

A fim de compreender a linha de argumento de Mises, precisamos ter em mente um ponto-chave. Ignorar esse ponto é a maior falha de todos os esquerdistas. A igualdade legal não elimina as diferenças biológicas. Assim, não decorre do fato de as mulheres não ganharem tanto quanto os homens, ou não ocuparem tantos cargos de poder, que elas sejam vítimas de discriminação:

Mas a diferença entre o caráter sexual e o destino sexual não pode ser decretada mais longe do que outras desigualdades da humanidade. Não é o casamento que impede a mulher interiormente, mas o fato de que seu caráter sexual exige rendição a um homem e que seu amor pelo marido e pelos filhos consome suas melhores energias. Não existe nenhuma lei humana que impeça a mulher que busca a felicidade na carreira de renunciar ao amor e ao casamento. Mas aquelas que não renunciam a eles não têm força suficiente para dominar a vida como um homem pode

dominá-la. É o fato de o sexo possuir toda a sua personalidade, e não os fatos do casamento e da família, que acorrenta a mulher. Ao “abolir” o casamento, não se tornaria a mulher mais livre e feliz; alguém apenas tiraria dela o conteúdo essencial de sua vida, e nada poderia oferecer para substituí-lo.

A luta da mulher para preservar sua personalidade no casamento é parte daquela luta pela integridade pessoal que caracteriza a sociedade racionalista de ordem econômica baseada na propriedade privada dos meios de produção. Não é exclusivamente do interesse da mulher que ela tenha sucesso nesta luta; contrastar os interesses de homens e mulheres, como feministas radicais tentam fazer, é muito tolo. Toda a humanidade sofreria se a mulher deixasse de desenvolver seu ego e fosse incapaz de se unir ao homem como companheiros e camaradas iguais e livres.

Tirar os filhos de uma mulher e colocá-los em uma instituição é tirar parte de sua vida; e os filhos são privados das influências de maior alcance quando são arrancados do seio da família. Só recentemente Freud, com a visão do gênio, mostrou quão profundas são as impressões que o lar dos pais deixa na criança. Dos pais, a criança aprende a amar e, assim, passa a possuir as forças que lhe permitem crescer e se tornar um ser humano saudável. A instituição educacional segregada gera homossexualidade e neurose. Não é por acaso que a proposta de tratar homens e mulheres como radicalmente iguais, de regular as relações sexuais pelo Estado, de colocar crianças em lares públicos ao nascer e de garantir que filhos e pais permaneçam completamente desconhecidos uns dos outros deveria ter se originado em Platão; ele via apenas a satisfação de um desejo físico nas relações entre os sexos. A

evolução que conduziu do princípio da violência ao princípio contratual baseou essas relações na livre escolha do amor. A mulher pode negar-se a qualquer um, pode exigir fidelidade e constância do homem a quem se entrega. Só assim é lançada a base para o desenvolvimento da individualidade da mulher. Ao retornar ao princípio da violência com uma negligência consciente da ideia contratual, o Socialismo, mesmo que vise uma distribuição igual da pilhagem, deve finalmente exigir a promiscuidade na vida sexual.

Mises, aliás, não era muito favorável aos homossexuais, embora não escrevesse muito sobre o assunto. Mas o que ele diz não deixa espaço para dúvidas sobre sua atitude politicamente incorreta:

Alguns tipos de trabalho satisfazem desejos específicos. Existem, por exemplo, ocupações que atendem a desejos eróticos — conscientes ou subconscientes. Esses desejos podem ser normais ou perversos. Também fetichistas, homossexuais, sádicos e outros pervertidos podem às vezes encontrar em seu trabalho uma oportunidade de satisfazer seus estranhos apetites. Existem ocupações que são especialmente atraentes para essas pessoas. A crueldade e a sede de sangue prosperam exuberantemente sob vários mantos ocupacionais.

Às vezes, argumenta-se que, como os libertários desejam que o estado saia do mercado de casamento — como deveria sair de todos os negócios — o estado deveria ser neutro entre o casamento regular e o casamento do mesmo sexo. Ou seja, se o estado concede licenças de casamento, o que não deveria, então deveria concedê-las indiscriminadamente a todos os que se candidatam. Da mesma forma, enquanto existir um exército nacional, mulheres e gays devem ser admitidos no serviço nas mesmas condições que os homens. O estado, argumenta-se, não pode discriminar.

Mas isso não procede de forma alguma. O libertarianismo é uma teoria de quais deveriam ser os direitos das pessoas. Ele exclui o estado; e, na infeliz medida que o estado existe, os libertários sustentam que o estado deve, na medida do possível, abster-se de violar os direitos das pessoas. Além disso, o libertarianismo não impõe nada ao estado. Os libertários não precisam sustentar que o estado deve conceder licenças de casamento a casais do mesmo sexo.

Da mesma forma, como Rothbard apontou, o estado não é obrigado a permitir que gays sirvam nas forças armadas.

Os militares devem ser considerados como qualquer outro negócio, organização ou serviço; suas decisões devem ser baseadas no que é melhor para os militares e "direitos" não têm nada a ver com tais decisões. A duradoura proibição dos gays nas forças armadas não tem nada a ver com "direitos" ou mesmo "homofobia"; ao contrário, é o resultado de uma longa experiência, bem como do bom senso. Os militares não são como nenhuma organização civil. Não apenas seus homens estão em situações de combate (que ele parcialmente compartilha com civis como a polícia), mas o comandante militar tem controle virtualmente total sobre a pessoa e a vida de seu subordinado, especialmente em situações de combate. Em tais situações, homossexuais declarados podem se envolver em favoritismo para com seus entes queridos e se envolver em exploração sexual e abuso de subordinados sob seu comando. Adicione o desconforto de muitos em situações próximas e íntimas e você terá a destruição do moral e da eficiência das unidades de combate.

Rothbard reconheceu que os gays tinham uma resposta para essas afirmações, mas achou isso inaceitável.

A resposta padrão dos gays é interessante por ser abstrata e indiferente ao ponto. A saber: todas as atividades sexuais são e devem ser ilegais nas forças armadas, inclusive o abuso sexual de subordinados. Torne ilegais apenas as ações, dizem os defensores dos gays nas forças armadas, e torne qualquer orientação lícita e legítima. Um problema com esta resposta que soa libertária é que ela confunde o que deveria ser ilegal *per se* com o que deveria ser ilegal como um membro voluntário de uma organização (por exemplo, os militares) que pode e deve ter suas próprias regras de filiação, inclusive na sua própria contratação, promoção e dispensa. No direito penal, apenas ações (como roubo e assassinato) devem ser ilegais, e não a orientação mental. Mas quem deve ou não ser militar deve depender das regras militares e não simplesmente incluir alguém que não seja criminoso. Assim, os tipos frágeis que são meio cegos claramente não estão em um estado de criminalidade *per se*; mas certamente os militares têm o direito de impedir a adesão de tais pessoas.

Em segundo lugar, a resposta pró-gay padrão ignora os fatos da natureza humana. Certamente os libertários em particular deveriam estar atentos ao absurdo de tornar o sexo ilegal e então declarar o fim do assunto. A questão é que os militares entendem que, embora o sexo nas forças armadas deva de fato ser proscrito, isso não resolverá a questão, porque a natureza humana frequentemente triunfa sobre a lei. A prostituição é ilegal desde tempos imemoriais, mas jamais chegou perto de desaparecer. É precisamente por causa de sua perspicaz compreensão da natureza humana que os militares querem manter a proibição de gays nas forças armadas. Os militares não presumem ingenuamente que não há gays no exército ou na marinha agora. Por outro lado, não tem intenção de fazer uma “caça

às bruxas” para tentar descobrir gays secretos. A questão toda é que, com gays necessariamente no armário, o problema de favoritismo, abuso sexual, etc., é bastante minimizado. No entanto, permita gays assumidos nas forças armadas e os problemas e o sofrimento do moral irão se intensificar. As mesmas restrições se aplicam *a fortiori* às mulheres nas forças armadas, especialmente a unidades íntimas e de contato próximo integradas, como as existentes em combate. (O antigo método de unidades femininas segregadas para digitar, dirigir jipe, etc. não apresentava tais problemas.) Uma vez que há muito mais heterossexuais do que homens homossexuais, e como não há dúvida de um "armário" aqui, favoritismo e abuso será muito mais desenfreado. Mais uma vez, a proibição do sexo nas forças armadas seria ainda mais difícil de impor. Isso é especialmente verdadeiro no clima atual, em que o “assédio sexual” se expandiu para tocar e até cobiçar. Pense em chuveiros integrados ao sexo e pense em Tailhook¹ maximizado ao enésimo grau! O problema das mulheres nas forças armadas foi ainda mais agravado pela normatividade sexual das exigências físicas nas forças armadas. Uma vez que se provou quase impossível para as mulheres passarem nos testes padrão de força e velocidade, esses testes foram simplificados para que a maioria das mulheres pudesse passá-los; e isso inclui habilidades de combate essenciais, como carregar armas e lançar granadas!

Já observamos que o libertarianismo não exige que o estado trate todos os grupos igualmente. Infelizmente, os libertários de esquerda discordam. Rothbard respondeu-lhes desta forma:

¹ O escândalo Tailhook foi um escândalo militar polêmico em que oficiais da aviação da Marinha dos Estados Unidos e dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos foram acusados de ter agredido sexualmente até 83 mulheres e sete homens, ou de outra forma se envolveram em conduta "imprópria e indecente" no Las Vegas Hilton em Las Vegas, Nevada. Os eventos aconteceram no 35º Simpósio Anual da Tailhook Association de 5 a 8 de setembro de 1991. O evento foi posteriormente abreviado como "Tailhook '91" na mídia.

Finalmente, os libertários vão recuar em seu argumento padrão de que, embora todas essas restrições se apliquem a organizações privadas, e que "direitos" não se apliquem a tais organizações, direitos igualitários se aplicam a organizações governamentais como os militares: Mas, como eu tenho escrito no caso de alguém ter "o direito" de emporcalhar uma biblioteca pública só porque é pública, esse tipo de niilismo deve ser abandonado. Sou a favor da privatização de tudo, mas, exceto nesse vindouro dia glorioso, os serviços governamentais existentes devem ser operados da forma mais eficiente possível. Certamente, o serviço postal deveria ser privatizado, mas, até este futuro dia feliz, deveríamos defender que os funcionários dos correios jogassem toda a correspondência na lixeira, em nome de tornar esse serviço o mais terrível possível? Além dos horrores que tal posição imporá aos consumidores pobres (somos nós), há outro grave erro nesta posição libertária padrão (que confesso que uma vez sustentei), que mancha e confunde o justo conceito de "direitos", e o transmuta de uma defesa estrita da pessoa e da propriedade de um indivíduo em uma mistura igualitária e confusa. Consequentemente, "anti-discriminação" ou mesmo "direitos" de ação afirmativa nos serviços públicos estabelecem as condições para sua expansão reconhecidamente monstruosa para o domínio privado.

Ele elaborou este ponto vital em outra ocasião:

Todo o pensamento político libertário segue do princípio da não agressão: que ninguém, incluindo o governo, pode agredir a pessoa ou propriedade de outra pessoa. Visto que de acordo com a teoria libertária; não deveria haver propriedade governamental, uma vez que tudo é

derivado da coerção, como qualquer princípio do uso da propriedade governamental segue da teoria libertária? A resposta é: não segue. Na questão do que fazer com a propriedade do governo, os libertários, além de pedir a privatização, são deixados à deriva, em suma, com nada além de seu bom senso e sua sintonia com o mundo real, da qual os libertários sempre foram notoriamente escassos.

Mas se Rothbard está certo ao dizer que o estado não tem que reconhecer o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou promover as agendas gay e feminista, por que ele não deveria? Aqui, novamente, podemos recorrer a Rothbard para obter a resposta. Ele caracterizou o feminismo desta forma:

Os homens são o sexo perverso e gerador de vítimas; as mulheres são o sexo bom e vitimizado. Os dois gêneros são inimigos inelutáveis. Portanto, todas as táticas e estratégias são permissíveis e valiosas se resultarem na vitória das mulheres sobre o Inimigo Masculino. Portanto, ataque as faculdades de um só sexo, se forem homens, e proclame sua grandeza, se forem mulheres. Se você está falando sobre qualidades como progressão na carreira, inteligência, sucesso, proclame as mulheres como exatamente iguais ao homem e denuncie como “sexista” qualquer insinuação em contrário; mas se você está falando sobre coisas boas como nutrição, paz, etc., proclame a superioridade inata das mulheres. Não se preocupe com qualidades “objetivas” como justiça, lógica, verdade ou não contradição; lembre-se, tudo é justo no ódio e na guerra.

A este respeito, todas as acusações de que um homem assediou sexualmente uma mulher têm crédito automaticamente:

A premissa básica do Regimento, sempre implícita, às vezes explícita, é que sempre que

qualquer mulher fizer uma acusação de "assédio sexual" (ou estupro em namoro, ou estupro, ou o que for), que a acusação deve ser tomada por todos como *per se* verdade. Qualquer dúvida expressa, muito menos qualquer desafio para tentar acusar a testemunha, é considerada *per se* mal, uma tentativa de culpar ou mais uma vez "assediar" a "vítima". Observe que essa visão verdadeiramente monstruosa só pode fazer sentido se sustentarmos como um axioma básico que a acusação de qualquer mulher deve sempre ser tratada como verdade do Evangelho.

As feministas costumam responder às críticas do tipo que Rothbard faz, dizendo que "você simplesmente não entende". Rothbard tinha uma resposta devastadora:

Há duas refutações bem-sucedidas e poderosas a serem feitas à acusação de "você, homens, simplesmente não entendem". Uma é: não, senhoras, *você*s não entendem; não entendem a distinção crucial entre flerte verbal inofensivo, ameaças verbais de perda do emprego ao exigir favores sexuais e agressão física. Nós não "entendemos" a tese de continuidade, porque essa tese é mal e errada, e por razões que acabamos de descrever. A segunda refutação é virar de cabeça para baixo a tese "você simplesmente não entende". Olhem, senhoras, mulheres, womyn², viragos³, ou seja lá o que você seja: você parece estar dizendo que uma vez que somos homens, é impossível entendermos, que só as mulheres podem alcançar este reino mágico de entendimento. Você está se envolvendo na falácia do que Ludwig von Mises chamou de "polilogismo". Mas vamos supor, para fins de

² Este é um termo usado por feministas que sentem que ter a palavra "homem" na palavra "mulher" torna as mulheres um subconjunto dos homens. Então, para se tornarem um não subconjunto, elas mudaram a letra 'e' para 'y'.

³ Mulher cuja aparência e/ou traços assemelham-se aos do gênero masculino; mulher de hábitos masculinos; machona.

argumentação, que você esteja certa. Mas, nesse caso, por que você continua falando? Se homens e mulheres estão condenados a ver a questão de maneira totalmente diferente, então é inútil tentar nos convencer. E, portanto, por que você simplesmente não cala a boca?

Mas é claro que as mulheres não querem calar a boca, porque todo o objetivo desse estratagema do "você simplesmente não entende" é intimidar os homens para que calem a boca e concordar com esse absurdo, mesmo que não estejam convencidos. Concordar e conceder à mulher organizada o *status* de vítima permanente, com todos os benefícios de poder, vantagens e renda que tal *status* implica.

Do ponto de vista da teoria libertária, Rothbard apontou que a agenda feminista é um *nonsense*:

Aqui, a doutrina libertária se adapta totalmente à lei antiquada, ou seja, a lei, antes das besteira dos direitos civis entrarem nos livros. Falando simplesmente; não existe nenhum crime tal como "assédio sexual". A agressão física ou estupro são considerados crimes desde tempos imemoriais, e ainda são. Não há necessidade de algum "crime" extra chamado SH⁴. Para processar tal crime, não há necessidade de agências ou comissões administrativas especiais. O início do mal pode ser identificado com precisão: a monstruosa Lei dos Direitos Civis de 1964, especificamente o Título VII, proibia a discriminação no emprego com base em raça, religião, sexo e outras características possíveis. Essa horrenda invasão dos direitos de propriedade do empregador é a fonte de todos os outros males, não obstante os neoconservadores e libertários traidores. Se sou

⁴ Em inglês, *sexual harassment*.

um empregador e, por qualquer motivo, desejo contratar apenas albinos de um metro e meio, eu deveria ter o direito absoluto de fazer isso. Fim.

Rothbard estendeu sua crítica para cobrir toda a gama do movimento feminista:

Já passou da hora para que alguém denuncie a "Libertação das Mulheres". Como o Meio Ambiente, a Libertação das Mulheres está repentina e ruidosamente em todos os lugares nos últimos meses. Tornou-se impossível evitar ser agredido, dia após dia, pela tagarelice barulhenta do Movimento das Mulheres. Edições especiais de revistas, noticiários de TV e jornais têm sido dedicados a esse "problema" recém-descoberto; e quase duas dúzias de livros sobre a libertação feminina estão sendo programados para publicação este ano por grandes editoras.

Rothbard destacou que quase todos os livros e artigos sobre feminismo favorecem o movimento, situação que perdura até os dias de hoje. Ele achou esse estado de coisas deplorável.

Em toda essa confusão de verborragia, nenhum artigo, nenhum livro, nenhum programa ousou apresentar o argumento contrário. A injustiça desse marmoto unilateral deve ser evidente. Não apenas é evidente, mas a falta de oposição publicada nega uma das principais acusações das forças liberais das mulheres: que a sociedade e a economia estão gemendo sob uma monolítica tirania "sexista" masculina. Se são os homens que comandam o espetáculo, como é que eles nem se atrevem a publicar ou apresentar alguém do outro lado?

No entanto, os "opressores" permanecem estranhamente silenciosos, o que leva a suspeitar,

como iremos desenvolver mais adiante, que talvez a “opressão” esteja do outro lado.

Rothbard viu com desprezo as fracas respostas masculinas ao feminismo.

Nesse ínterim, os “opressores” masculinos estão agindo, à maneira dos esquerdistas em todos os lugares, como coelhos assustados ou cheios de culpa. Quando as cem viragos da Libertação Feminina forçaram sua entrada na sede do *Ladies Home Journal*, será que o atormentado editor-chefe, John Mack Carter, berrou nos ouvidos coletivos dessas agressoras, como deveria ter feito? Ele, pelo menos, abandonou o escritório por um dia e foi para casa? Não, em vez disso, ele sentou-se pacientemente por onze horas enquanto essas megeras abusavam dele e de sua revista e de seu gênero, e então concordou humildemente em doar a elas uma seção especial do *Journal*, junto com o resgate de US\$ 10.000. Desta forma, o esquerdismo masculino covarde alimenta docilmente o apetite das agressoras e abre o caminho para o próximo conjunto de “demandas” ultrajantes. A revista *Rat*, um tabloide underground, cedeu de forma ainda mais espetacular e simplesmente se permitiu ser assumida permanentemente por um “coletivo de libertação feminina”.

Mas esse relato do feminismo nos deixa com um problema. Se é um movimento tão estranho e ruim, como ele conseguiu ganhar uma posição de destaque? Mais uma vez, Rothbard tem a resposta:

Por que, na verdade, esse súbito aumento da libertação feminina? Mesmo o virago mais fanático do Movimento das Mulheres admite que esse novo movimento não surgiu em resposta a qualquer repressão repentina da bota masculina sobre as sensibilidades coletivas da mulher

americana. Em vez disso, o novo levante é parte da atual degenerescência da Nova Esquerda, que, à medida que sua política, ideologia e organização parcialmente libertárias entraram em colapso, tem se fragmentado em formas absurdas e febris, de Maoísmo a Weathermanship a bombardeios loucos para a libertação feminina. O vinho inebriante da “libertação” para todo grupo maluco já está no ar há algum tempo, às vezes merecido, mas na maioria das vezes absurdo, e agora as mulheres da Nova Esquerda entraram em ação. Não precisamos ir tão longe ao comentário recente do professor Edward A. Shils, eminente sociólogo da Universidade de Chicago, de que ele agora espera uma “frente de libertação canina”, mas é difícil culpar o aborrecimento por trás de sua observação. Ao longo de toda a gama de “libertação”, o alvo principal tem sido o homem americano WASP⁵ adulto, inofensivo e trabalhador, o Homem Esquecido de William Graham Sumner; e agora essa figura infeliz de Dagwood Bumstead está sendo espancada mais uma vez. Quanto tempo vai demorar até que o maltratado, sofrido americano médio, finalmente perca a paciência e se levante em sua cólera para fazer algum barulho eficaz em seu próprio nome?

Já falamos muito sobre o movimento feminista, mas o que é isso exatamente? Como isso aconteceu?

O atual Movimento das Mulheres pode ser dividido em duas partes. A ala mais velha, um pouco menos irracional, começou em 1963 com a publicação de *The Feminine Mystique* de Betty Friedan e sua organização NOW (National Organization of Women). NOW se concentra na alegada discriminação econômica contra as mulheres. Por exemplo: o ponto que, embora o

⁵ Em inglês, WASP é uma sigla para *White, Anglo-Saxon and Protestant* (branco, anglo-saxão e protestante)

salário médio anual para todos os empregos em 1968 fosse quase \$ 7.700 para os homens, ele totalizava apenas \$ 4.500 para as mulheres, 58% do valor masculino. O outro ponto importante é o argumento da cota: se alguém olhar para várias profissões, cargos de alta gerência etc., a cota de mulheres é muito mais baixa do que seus 51% supostamente merecidos, sua participação na população total.

Rothbard devastou o argumento de cota:

O argumento da cota pode ser resolvido rapidamente; pois é uma espada de dois gumes. Se a baixa porcentagem de mulheres em cirurgia, advocacia, administração, etc., é prova de que os homens devem ser substituídos rapidamente por mulheres, então o que devemos fazer com os judeus, por exemplo, que brilham muito acima de sua cota designada nas profissões, na medicina, na academia, etc.? Eles devem ser eliminados?

Mesmo que as cotas não possam ser aceitas, o que dizer do ponto feminista de que as mulheres ganham menos do que os homens?

A renda média mais baixa para as mulheres pode ser explicada por vários motivos, nenhum dos quais envolve discriminação “sexista” irracional. Um é o fato de que a esmagadora maioria das mulheres trabalha alguns anos e, em seguida, gasta grande parte de seus anos produtivos para criar os filhos, após os quais podem ou não decidir retornar ao mercado de trabalho. Como resultado, elas tendem a entrar, ou encontrar, empregos principalmente nos setores e naquele tipo de trabalho que não exige um compromisso de longo prazo com uma carreira. Além disso, elas tendem a encontrar empregos em ocupações onde o custo de treinar novas pessoas, ou de perder as antigas, é relativamente baixo. Essas ocupações tendem a

ter salários mais baixos do que aquelas que exigem um compromisso de longo prazo ou onde os custos de treinamento ou rotatividade são altos. Essa tendência geral de tirar anos para a criação dos filhos também é responsável por grande parte do fracasso em promover as mulheres a cargos de posição mais elevada e, portanto, mais bem remunerados e, portanto, pelas baixas "cotas" femininas nessas áreas. É fácil contratar secretárias que não tenham a intenção de fazer do emprego sua carreira profissional permanente; não é tão fácil promover pessoas na hierarquia acadêmica ou corporativa que não o fazem. Como uma desistente para a maternidade chega a ser presidente de uma empresa ou professora titular?

Mas há um problema mais profundo, definitivamente um "politicamente incorreto"; e Rothbard encarou de frente:

Embora essas considerações respondam por uma boa parte dos salários mais baixos e empregos de classificação mais baixa para as mulheres, elas não explicam totalmente o problema. Na economia de mercado capitalista, as mulheres têm total liberdade de oportunidade; a discriminação irracional no emprego tende a ser mínima no mercado livre, pela simples razão de que o empregador também sofre com essa prática discriminatória. No mercado livre, todo trabalhador tende a ganhar o valor de seu produto, sua "produtividade marginal". Da mesma forma, todos tendem a ocupar o trabalho que melhor podem realizar, para trabalhar em seus esforços mais produtivos. Os empregadores que persistem em pagar abaixo do produto marginal de uma pessoa vão se prejudicar perdendo seus melhores trabalhadores e, portanto, perdendo lucros para si próprios. Se as mulheres têm salários persistentemente mais

baixos e empregos piores, mesmo depois de corrigir a evasão da maternidade, então a simples razão deve ser que sua produtividade marginal tende a ser menor do que a dos homens.

Não é surpreendente que Rothbard enfatizou algo que, como vimos, Mises também enfatizou. Essas grandes mentes geralmente pensavam da mesma forma:

Deve-se enfatizar que, em contraste com as forças da Libertação Feminina, que tendem a culpar o capitalismo, assim como os tiranos do sexo masculino, pela discriminação secular, foi precisamente o capitalismo e a “revolução capitalista” dos séculos XVIII e XIX que libertaram as mulheres da opressão do sexo masculino e deixou cada mulher livre para encontrar o seu melhor nível. Foi a sociedade feudal e pré-capitalista, pré-mercado, que foi marcada pela opressão masculina; era aquela sociedade onde as mulheres eram bens de seus pais e maridos, onde não podiam possuir propriedade própria etc. O capitalismo libertou as mulheres para encontrar seu próprio nível, e o resultado é o que temos hoje.

A Libertação Feminina retruca que as mulheres possuem todo o potencial de igualdade de produção e produtividade com os homens, mas têm sido intimidadas durante séculos de opressão masculina. Mas a notável falta de ascensão aos cargos mais altos sob o capitalismo ainda permanece. Existem poucas mulheres médicas, por exemplo. No entanto, as escolas de medicina hoje em dia não apenas não discriminam as mulheres, mas também se dobram para aceitá-las (ou seja, discriminam a seu favor); no entanto, a proporção de mulheres médicas ainda não é perceptivelmente alta.

Naturalmente, as feministas não aceitaram a realidade quando ela contradisse suas fantasias:

Aqui, as militantes recorrem a outro argumento: que séculos de “lavagem cerebral” por uma cultura dominada pelos homens tornaram a maioria das mulheres passiva, aceitando seu papel supostamente inferior e até gostando e desfrutando de seu papel principal como donas de casa e criadoras de filhos. E o verdadeiro problema para as mulheres barulhentas, é claro, é que a esmagadora maioria das mulheres adota a “mística feminina”, sente que suas únicas carreiras são as de dona de casa e mãe. Simplesmente descartar esses desejos evidentes e fortes da maioria das mulheres como “lavagem cerebral” já é demais; pois sempre podemos descartar os valores de qualquer pessoa, não importa o quão profundamente arraigados, como resultado de uma “lavagem cerebral”. A alegação da “lavagem cerebral” torna-se o que os filósofos chamam de “operacionalmente sem sentido”, pois significa que as militantes femininas se recusam a aceitar qualquer evidência, lógica ou empírica, de qualquer tipo, que possa provar que suas alegações estão erradas. Mostre-lhes uma mulher que ama a domesticidade e elas descartam isso como uma “lavagem cerebral”; mostrem-lhes uma militante e elas afirmam que isso prova que as mulheres anseiam por “libertação”. Em suma, essas militantes consideram suas contendas frágeis como indignas de qualquer tipo de prova; mas este é o método infundado dos místicos, e não um argumento que reflete a verdade científica.

E assim, a alta taxa de conversão reivindicada pelas liberacionistas das mulheres também não prova nada; não pode ser resultado de uma “lavagem cerebral” por parte das militantes femininas? Afinal, se você é ruivo, e uma Liga de

Libertação Ruiva surge de repente e grita com você que você é eternamente oprimido por vis não-Ruivos, alguns de vocês podem muito bem entrar na briga. O que não prova nada sobre se os ruivos são ou não objetivamente oprimidos.

Rothbard não afirmou que as mulheres não deveriam ter uma carreira.

Não vou tão longe quanto os extremistas "sexistas" que afirmam que as mulheres devem se limitar a casa e filhos, e que qualquer busca por carreiras alternativas não é natural. Por outro lado, não vejo muito mais apoio para a afirmação oposta de que as mulheres do tipo doméstico estão violando sua natureza. Há nisso, como em todas as questões, uma divisão de trabalho, e em uma sociedade de livre mercado cada indivíduo entrará nos campos e áreas de trabalho que achar mais atraentes. A proporção de mulheres que trabalham é muito maior do que há 20 anos, e isso é bom; mas ainda é uma minoria de mulheres, e isso também está bom. Quem somos você ou eu para dizer a alguém, homem ou mulher, que profissão ele ou ela deve exercer?

Além disso, as libertadoras femininas caíram em uma armadilha lógica sob a responsabilidade de séculos de lavagem cerebral masculina. Pois, se essa acusação for verdadeira, como é possível que os homens controlem a cultura por eras de tempo? Certamente, isso não pode ser um acidente. Isso não é evidência de superioridade masculina?

Infelizmente, essas feministas são as "moderadas". Existe uma posição ainda mais ultrajante:

As Friedanitas, [seguidoras de Betty Friedan] que clamam estridentemente por igualdade de renda e posição, foram, no entanto, ultrapassadas nos últimos meses pelas mulheres liberacionistas

mais militantes, ou "novas feministas", mulheres que trabalham com o movimento mais antigo, mas consideram elas conservadoras "Tias Toms".⁶ Essas novas militantes, que têm recebido a maior parte da publicidade, associam persistentemente sua suposta opressão à dos negros e, como o movimento negro, rejeitam a igualdade e a integração para uma mudança radical na sociedade. Elas clamam pela abolição revolucionária do suposto governo masculino e seu suposto corolário, a família. Exibindo um ódio profundo e mal disfarçado pelos homens em si, essas mulheres clamam por comunas exclusivamente femininas, crianças administradas pelo estado, bebês de proveta ou simplesmente "fazer picadinhos dos homens", como a verdadeira fundadora das mulheres liberacionistas militantes, Valerie Solanis, colocou isso em seu Manifesto SCUM (Society for Cutting Up Men). Solanis se tornou a heroína cultural do Novo Feminismo em 1968, quando atirou e quase matou o pintor e cineasta Andy Warhol. Em vez de serem rejeitadas (como seria por qualquer pessoa racional) como uma noz solitária, as mulheres liberadas escreveram artigos elogiando Solanis como a "doce assassina" que tentou se livrar do "macho de plástico" Warhol. Devíamos ter sabido naquele ponto das angústias que o aguardavam.

Rothbard inverte a afirmação das feministas extremistas. Longe de os homens dominarem as mulheres, é muito mais frequente que as mulheres dominem os homens.

Eu acredito que os casamentos americanos modernos são, em geral, conduzidos com base na

⁶Uncle Tom é um termo pejorativo usado para descrever um afro-americano que, aparentemente, age de uma forma subserviente às figuras de autoridade do americano branco, ou procurando a integração com este por meio de uma desnecessária acomodação. Na expressão *in supra*, o autor adaptou para Aunt Toms, feminino da expressão.

igualdade, mas também acredito que a alegação oposta está muito mais perto da verdade do que a das Novas Feministas: a saber, que são homens, não mulheres, que são mais propensos a ser a classe oprimida, ou gênero, em nossa sociedade, e que são muito mais os homens que são os “negros”, os escravos e as mulheres, suas senhoras. Em primeiro lugar, as militantes afirmam que o casamento é uma instituição diabólica pela qual os maridos escravizam suas esposas e as obrigam a criar os filhos e fazer o trabalho doméstico. Mas consideremos: na grande maioria dos casos, quem é que insiste no casamento, o homem ou a mulher? Todo mundo sabe a resposta. E se esse grande desejo de casamento é o resultado da lavagem cerebral masculina, como afirmam a Libertação Feminina, então como é que tantos homens resistem ao casamento, resistem a essa perspectiva de seu assento vitalício no trono da "tirania" doméstica?

De fato, como o capitalismo aliviou imensamente o fardo do trabalho doméstico por meio de tecnologia aprimorada, muitas esposas têm cada vez mais constituído uma classe ociosa mantida. No bairro de classe média em que moro, eu as vejo, essas viragos "oprimidas" e de cara fechada, desfilando pela rua em suas estolas de pele de visom para o próximo jogo de bridge de mahjongg, enquanto seus maridos estão trabalhando rumo a uma doença coronária precoce para apoiar os hábitos de moda de suas companheiras.

Rothbard traçou um importante paralelo com a história do Sul dos Estados Unidos da América.

Nesses casos, então, quem são os “negros”: as esposas? Ou os maridos? As libertadoras das mulheres afirmam que os homens são os mestres porque estão fazendo a maior parte do trabalho do

mundo. Mas se olharmos para trás, para a sociedade escravista do Sul, quem realmente fez o trabalho? São sempre os escravos que fazem o trabalho, enquanto os senhores vivem em relativa ociosidade dos frutos do seu trabalho. Na medida em que os maridos trabalham e sustentam a família, enquanto as esposas desfrutam de uma posição mantida, quem são os senhores?

Rothbard voltou ao ataque à dominação feminina:

Não há nada de novo neste argumento, mas é um ponto que foi esquecido em meio ao furor atual. Há anos se observa — e especialmente por europeus e asiáticos — que muitos homens americanos vivem em um matriarcado, dominado primeiro pelo Momismo⁷, depois por professoras e depois por suas esposas. Blondie e Dagwood há muito simbolizam para os sociólogos um matriarcado americano muito prevalente, um matriarcado que contrasta com o cenário europeu onde as mulheres, embora mais ociosas do que nos Estados Unidos, não mandam em casa. O homem americano dominador há muito tempo é o alvo do humor perspicaz. E, finalmente, quando o homem morre, como costuma acontecer, mais cedo do que sua esposa, ela herda todos os bens da família, o que faz com que muito mais de 50% da riqueza da América seja propriedade de mulheres. A renda — o índice de trabalho árduo e produtivo — é menos significativa aqui do que a propriedade da riqueza final. Aqui está outro fato inconveniente que as militantes femininas descartam bruscamente como sem consequência. E, finalmente, se o marido pedir o divórcio, ele é atacado com as leis da pensão alimentícia, que ele é forçado a arcar e pagar para sustentar uma mulher que ele não vê mais e, se deixar de pagar,

⁷ Um rótulo crítico introduzido pelo ensaísta Philip Wylie em sua coleção de 1942, *Generation of Vipers*, referindo-se a um culto americano à maternidade

enfrenta a bárbara pena de prisão — a única instância restante em nossa estrutura legal de prisão por não pagamento de "dívida". Exceto, é claro, que se trata de uma "dívida" em que o homem nunca contraiu voluntariamente. Quem, então, são os escravos?

E quanto aos homens que obrigam as mulheres a ter e criar filhos, quem, novamente, na grande maioria dos casos, é a parte no casamento mais ansiosa por ter filhos? Novamente, todos sabem a resposta.

As feministas tentaram responder a este argumento, mas a resposta delas foi fraca:

Quando, como fazem às vezes, as militantes femininas reconhecem o domínio patriarcal pela mulher americana, sua defesa, como de costume, é recair no que não tem sentido operacional: que o aparente domínio da esposa é apenas o reflexo de sua passividade por excelência e subordinação, de modo que as mulheres têm que buscar vários caminhos para a maldade e a manipulação como seu caminho para ... o poder. Abaixo de seu aparente poder, então, essas esposas são psicologicamente infelizes. Talvez, mas suponho que se possa argumentar que o mestre de escravos no Velho Sul também estava psicologicamente inquieto por causa de seu papel anormalmente dominante. Mas o fato político-econômico de seu domínio permaneceu, e este é o ponto principal.

O teste final para saber se as mulheres são escravizadas ou não no casamento moderno é o da "lei natural": considerar o que aconteceria se de fato as libertadoras das mulheres conseguissem o que queriam e não houvesse casamento. Nessa situação, e em um mundo conseqüentemente

promíscuo, o que aconteceria com os filhos? A resposta é que o único pai visível e demonstrável seria a mãe. Apenas a mãe teria o filho e, portanto, apenas a mãe ficaria presa ao filho. Em suma, as mulheres militantes que reclamam que estão presas à tarefa de criar os filhos devem atentar para o fato de que, em um mundo sem casamento, elas também estariam presas à tarefa de ganhar toda a renda para o sustento de seus filhos. Sugiro que contemplem essa perspectiva muito e com afinco, antes de continuarem a clamar pela abolição do casamento e da família.

Um tema central deste livro é a importância da família tradicional para preservar nossa liberdade e civilização. A menos que possamos transmitir nossa herança para nossos filhos, estamos condenados. Feministas não podem lidar com este problema vital, como Rothbard observou:

As militantes mais ponderadas reconheceram que seu problema crítico é encontrar uma solução para a criação dos filhos: quem vai fazer isso? As moderadas respondem: provisão governamental de creches, para que as mulheres possam ser liberadas para entrar no mercado de trabalho. Mas o problema aqui, além do problema geral do socialismo ou estatismo, é este: como é que o mercado livre não forneceu creches de forma razoavelmente barata, como o faz com qualquer produto ou serviço com demanda em massa? Ninguém precisa clamar pelo fornecimento de motéis pelo governo, por exemplo. Existem muitos deles. O economista é compelido a responder: ou que a demanda por mães para trabalhar não é tão grande quanto as Novas Feministas querem que acreditemos, e/ou alguns controles do governo — talvez requisitos para enfermeiras registradas ou leis de licenciamento — estejam restringindo artificialmente o fornecimento. Qualquer que seja a razão, então, mais governo claramente não é a resposta.

Assim como Mises apontou que o fracasso da intervenção econômica leva a intervenções mais radicais destinadas a “corrigir” os problemas da intervenção inicial, as feministas radicais são levadas a propostas cada vez mais radicais. Como Rothbard observa:

As feministas mais radicais não se contentam com uma solução insignificante como creches (além disso quem, senão *mulheres*, outras mulheres desta vez, estariam trabalhando nesses centros?). O que elas querem, como Susan Brownmiller indica em seu artigo na *New York Sunday Times Magazine* (15 de março de 1970), é igualdade total entre marido e mulher em todas as coisas, o que significa carreiras igualmente compartilhadas, trabalho doméstico igualmente compartilhado e criação dos filhos igualmente compartilhada. Brownmiller reconhece que isso significaria que *ou* o marido trabalha por seis meses e a esposa pelos próximos seis meses, com cada seis meses alternados de criação dos filhos, ou que cada um trabalhe metade de cada dia e, assim, alterna a criação dos filhos a cada meio-dia. Qualquer que seja o caminho escolhido, é muito claro que essa igualdade total só poderia ser perseguida se ambas as partes estivessem dispostas a viver permanentemente no nível hippie, de subsistência e de meio período. Pois que carreira de qualquer importância ou qualidade pode ser perseguida de maneira tão fugaz e aleatória? Acima do nível hippie, então, essa suposta “solução” é simplesmente absurda.

Se nossa análise estiver correta e já estivermos vivendo em um matriarcado, então o verdadeiro significado do novo feminismo *não* é, como elas afirmam com tanta estridência, a “libertação” das mulheres de sua opressão. Não podemos dizer que, não contentes com a ociosidade mantida e a dominação sutil, essas mulheres estão buscando

avidamente o poder total? Não satisfeitas com o apoio e a segurança, elas agora estão tentando forçar seus maridos passivos e sofredores a fazer a maior parte do trabalho doméstico e também de criar os filhos. Conheço pessoalmente vários casais em que a esposa é uma militante da libertação e o marido sofreu uma lavagem cerebral pela esposa para ser um tio Tom e um traidor de seu gênero. Em todos esses casos, depois de um longo e árduo dia no escritório ou ensinando para sustentar a família, o marido fica em casa ensinando os filhos enquanto a esposa está fora em reuniões de libertação das mulheres, para tramar sua ascensão ao poder total e denunciar seus maridos como opressores sexistas. Não satisfeita com o tradicional conjunto de mah-jongg, a Nova Mulher está tentando dar o golpe final de castração – ser aceita, suponho, com humilde gratidão por seus cônjuges progressistas do sexo masculino.

Ainda existe a solução da libertação das mulheres extremistas: abandonar o sexo, ou melhor, a heterossexualidade, de uma vez. Não há dúvida de que pelo menos isso resolveria o problema da criação dos filhos. A acusação de lesbianismo costumava ser considerada uma difamação machista e venenosa contra a mulher libertada. Mas nos escritos florescentes das Novas Feministas, existe um apelo aberto e crescente à homossexualidade feminina. Observe, por exemplo, Rita Mae Brown, escrevendo na primeira edição “liberada” da *Rat* (6 de fevereiro de 1970):

Para uma mulher, afirmar verbalmente sua heterossexualidade é enfatizar sua “bondade” por meio de sua atividade sexual com homens. Essa velha lavagem cerebral sexista atinge profundamente a consciência da feminista mais ardente, que rapidamente dirá que adora dormir

com homens. Na verdade, a pior coisa que você pode chamar uma mulher em nossa sociedade é lésbica. As mulheres são tão identificadas como masculinas que estremeceem à menção desta palavra de três sílabas. A lésbica é, claro, a mulher que não precisa de homens. Quando você pensa sobre isso, o que há de tão terrível em duas mulheres se amando? Para o homem inseguro, esta é a ofensa suprema, a blasfêmia mais ultrajante cometida contra o escroto sagrado.

Afinal, o que aconteceria se todas nós acabássemos nos amando. Coisas boas para nós, mas significaria que cada homem perderia seu “negro” pessoal ... uma perda real e grande se você for homem. ...

Amar outra mulher é uma aceitação do sexo que é uma violação grave da cultura masculina (sexo como exploração) e, portanto, acarreta penalidades severas. ... As mulheres foram ensinadas a abdicar do poder de nossos corpos, tanto fisicamente no atletismo e autodefesa, quanto sexualmente. Dormir com outra mulher é confrontar a beleza e o poder de seu próprio corpo e também do dela. Você confronta a experiência de seu autoconhecimento sexual. Você também enfrenta outro ser humano sem o dispositivo protetor do papel. Isso pode ser muito doloroso para a maioria das mulheres, pois muitas foram tão brutalizadas pela encenação heterossexual que não conseguem começar a compreender esse poder real. É uma experiência avassaladora. Eu vulgarizo quando chamo de liberdade alta. Não é de admirar que haja tanta resistência ao lesbianismo.

Ou isso, na mesma edição, de “A Weatherwoman”:

O sexo se torna totalmente diferente sem ciúme. Mulheres que nunca se viram fazendo isso

com mulheres começam a explorar uma à outra sexualmente. ... O que o meteorologista está fazendo é criar novos padrões para homens e mulheres se relacionarem. Estamos tentando tornar o sexo não exploratório. ... Estamos fazendo algo novo, com o denominador comum sendo a revolução.

Ou, finalmente, ainda na mesma edição, por Robin Morgan:

Deixe tudo sair. Faça com que pareça vil, malicioso, cagão, frustrado, louco, solaniseque, maluco, frígido, ridículo, amargo, embaraçoso, odioso, calunioso. ... O sexismo não é culpa das mulheres – mate seus pais, não suas mães.

E assim, no núcleo duro do Movimento de Libertação das Mulheres se encontra um lesbianismo amargo e extremamente neurótico, se não psicótico, que odeia os homens. A quintessência do Novo Feminismo é revelada.

Rothbard, como sempre, considerou e refutou possíveis objeções à sua análise:

Este espírito está confinado a alguns extremistas? É injusto pichar todo o movimento com o pincel da Lésbica Implacável? Receio que não. Por exemplo, um motivo que agora permeia todo o movimento é uma oposição estridente aos homens tratando as mulheres como “objetos sexuais”. Esse tratamento supostamente degradante, humilhante e explorador se estende da pornografia a concursos de beleza, anúncios de modelos bonitas usando um produto, até assobios e olhares de admiração para garotas de minissaias. Mas certamente o ataque às mulheres como “objetos sexuais” é simplesmente um ataque ao sexo, ponto final, ou melhor, ao heterossexual. Esses novos monstros do gênero feminino pretendem destruir o adorável e antigo costume –

adorado pelas mulheres normais em todo o mundo – de mulheres se vestindo para atrair homens e tendo sucesso nessa tarefa agradável. Que mundo monótono e enfadonho esses monstros iriam nos impor! Um mundo onde todas as meninas parecem lutadoras desleixadas, onde a beleza e a atratividade foram substituídas pela feiura e “unissex”, onde a feminilidade encantadora foi abolida em nome do feminismo estridente, agressivo e masculino.

O ciúme de garotas bonitas e atraentes está, de fato, no cerne desse movimento feio. Um ponto que deve ser destacado, por exemplo, na alegada discriminação econômica contra as mulheres: a fantástica mobilidade ascendente, bem como as altas rendas, à disposição da menina de beleza impressionante. As liberacionistas das mulheres podem alegar que as modelos são exploradas, mas se considerarmos a enorme remuneração que as modelos desfrutam – bem como seu acesso à vida glamorosa – e compararmos com seu custo de oportunidade perdido em outras ocupações, como garçonete ou datilógrafa – a acusação de exploração é ridícula, de fato. Os modelos masculinos, cujos rendimentos e oportunidades são muito inferiores aos das mulheres, podem invejar a posição feminina privilegiada! Além disso, o potencial de mobilidade ascendente para meninas bonitas de classe baixa é enorme, infinitamente mais do que para homens de classe baixa: podemos citar Bobo Rockefeller e Gregg Sherwood Dodge (uma ex-modelo pin-up que se casou com o descendente multimilionário do Família Dodge) como exemplos meramente conspícuos. Mas esses casos, longe de contar como um argumento contra elas, despertam nas mulheres liberacionistas uma fúria ainda maior, já que uma de suas verdadeiras queixas é contra as garotas mais atraentes que em virtude de sua atratividade tiveram mais sucesso na inevitável